




O TECIDO DA FICÇÃO À “ESCREVIVÊNCIA” QUE COSTURA NOVOS OLHARES PARA A REALIDADE: UMA ANÁLISE DA RECEPÇÃO DO CONTO “MARIA”

FROM THE FABRIC OF FICTION TO EXPERIENCE WRITINGS THAT SEWS NEW LOOKS TO REALITY: AN ANALYSIS OF THE RECEPTION OF THE SHORT STORY “MARIA”

Jussara da Conceição Soares  <https://orcid.org/0000-0001-8786-9371>
Programa de Pós-Graduação em Ensino
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
jusoares_ss@outlook.pt

Diana Maria Leite Lopes Saldanha  <https://orcid.org/0000-0002-5239-0317>
Programa de Pós-Graduação em Ensino
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
dianalopes@uern.br

Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra  <https://orcid.org/0000-0003-2158-5063>
Programa de Pós-Graduação em Ensino
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
keutresoares@uern.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13600254>

Recebido em 31 de janeiro de 2024

Aceito em 05 de abril de 2024

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a recepção do conto “Maria” de Conceição Evaristo por alunos de uma terceira série do Ensino Médio, evidenciando as potencialidades que o texto literário apresenta ao envolver o leitor, suscitando reflexões acerca das temáticas presentes na obra. Para tanto, contou com respaldo nos estudos de Jauss (1994), Candido (1995), Cosson (2014), Evaristo (2020), Petit (2009), Rouxel (2013), dentre outros teóricos que pesquisaram sobre a recepção do texto literário, a literatura e o leitor juvenil. Os resultados apontam para uma conexão emocional que os alunos estabelecem com a obra, destacando a importância desta para a representatividade de ficção. As considerações finais evidenciam a mediação do conto no processo de ensino e aprendizagem, ressaltando que o trabalho com o texto literário em sala de aula provocou o encontro do leitor com o texto, de modo que veio a suscitar diversas reflexões sobre a realidade social existente no Brasil, além de proporcionar a identificação pessoal e atribuição de sentidos individuais preservando o fator literário da leitura.

Palavras-chave: Literatura negra. Temas fraturantes. Conto Maria. Recepção. Leitor jovem.

Abstract: This work aims to analyze the reception of students in the third year of high school of the short story “Maria” by Conceição Evaristo, highlighting the potential that the text presents to engage the reader, raising reflections on the themes present in the literary work. To this end, we rely on studies by Jauss (1994), Candido (1995), Cosson (2014), Evaristo (2020), Petit (2009), Rouxel (2013) among other theorists who researched the reception of literary texts, literature and the young reader. The results point to the emotional connection that students establish with the literary work, highlighting its importance for the representation in fiction. The conclusion demonstrates the mediation of the story as an efficient pedagogical instrument, highlighting that working with the literary text in the classroom provoked the reader's encounter with the text in a way that raised several reflections on the social reality existing in Brazil, in addition to provide personal identification and attribution of individual meanings while preserving the literary factor of reading.

Keywords: Black literature. Fracturing themes. Maria Tale. Reception. Young reader.

1. Puxando o fio da meada

A literatura como arte da palavra, proporciona em sua essência o envolvimento do leitor com a obra e com o autor. Por meio da palavra, a realidade e a ficção se entrelaçam, propiciando identificação, empatia, revolta, dentre tantas outras emoções que emergem no íntimo de cada leitor ao se deparar com histórias que narram acontecimentos e provocam o imaginário, exercitando a criatividade, ao mesmo tempo em que estimula a reflexão e a experimentação de diversas vivências. Nesse sentido, Yunes (2010, p. 60), esclarece que a literatura “[...] nos oferece a *vida em alteridade* que ajuda a tomarmos posição, a fazermos escolhas, criticamente, com discernimento, não nos deixando enganar pelo fácil, imediato e modelarmente ‘verdadeiro’”. Com isso, propicia ao leitor entender a si mesmo e o outro, conhecer vários lugares e contextos.

Nessa perspectiva, a literatura possibilita a discussão e difusão de inúmeras temáticas, configurando-se como um instrumento de formação humana e social. Nesse sentido, ao levar textos literários para a sala de aula, o professor também oportuniza visões de mundo diferenciadas, além de favorecer a manutenção ou transformação de culturas, o que pode potencializar a representatividade de papéis e a discussão de questões socialmente relevantes, que por vezes são invisibilizadas ou silenciadas.

Por esse viés, é importante analisar a recepção dos estudantes a respeito de obras literárias, cujo cerne de discussão perpassa por questões sociais, tais como: racismo, violência, questões de gênero, dentre outras temáticas, considerando que o trabalho com estes tópicos em sala de aula, pode colaborar para a disseminação de estudos que contribuem para a construção de aulas de literatura que agregam, além do prazer pela apreciação da arte literária, o favorecimento da formação de leitores críticos, capazes de elaborar reflexões sobre problemáticas reais, que precisam ser vistas e modificadas.

Desse modo, neste trabalho trazemos uma análise da recepção do conto “Maria” um dos contos que compõem a obra “Olhos d’água” da autora Conceição Evaristo (2016), por alunos de uma turma de terceira série do Ensino Médio, a partir de uma mediação de leitura, que fez parte do projeto de intervenção realizado durante o curso de mestrado acadêmico em ensino, em andamento na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Assim, apresentamos o objetivo de analisar como o texto em questão foi recepcionado pelos estudantes e qual o efeito que este causou na turma mencionada. Para nortear as discussões suscitadas, contamos com a colaboração dos estudos de Cosson (2014), Jauss (1994), Petit (2009), Rouxel (2013), dentre outros teóricos que discutem assuntos relativos a relevância da literatura, a recepção do texto literário, a formação do leitor jovem, dentre outros temas que se relacionam com essas discussões.

Os resultados apontados neste estudo colaboram para a compreensão da relação texto-leitor, bem como reforçam a importância da escrita de autoras negras na repercussão e desenvolvimento de representatividade dessas mulheres, contribuindo para uma educação antirracista. Além do mais, evidencia que o trabalho com a literatura proporciona não somente a formação leitora no sentido de proficiência, mas atua também como meio de estimular a reflexão crítica e a interpretação de textos e contextos em sala de aula.

2. Rasgando o tecido da imaginação: a literatura costura um novo olhar sobre a realidade

A literatura é um tema que vem ganhando destaque nas pesquisas acadêmicas, sendo considerada como um modo profícuo para a formação humana (Candido, 1995), podendo assim, contribuir com a qualidade do ensino nas escolas de Educação Básica. No entanto, é perceptível que esta ainda não ocupa um lugar próprio no currículo educacional brasileiro, estando subordinada ao componente curricular de língua portuguesa, o que torna estreita a relação do texto literário com a educação, já que a literatura pode possibilitar conhecimento, exercitar a criatividade, cultivar e disseminar aspectos da cultura, dentre outras nuances pertencentes ao mundo educativo e que também estão entrelaçadas à literatura.

Nessa configuração, consideramos que o ensino de literatura, não ocupa atualmente, um lugar próprio no currículo educacional do Brasil, já que não se configura como um componente curricular, opcional ou obrigatório, mesmo tendo muito a contribuir com a formação integral dos estudantes, pois através da literatura é possível vivenciar experiências que provocam empatia, revolta, tristeza, alegria, e muitas outras emoções que são despertadas quando um leitor se conecta com os textos literários, que apesar de serem fictícios, trazem em seus enredos aspectos que fazem parte da humanidade que há em cada homem, e por isso, esse encontro entre leitor/texto, tem a capacidade de humanizar (Candido, 1995). Para o autor a literatura representa uma necessidade para os seres humanos, já que:

[...] a literatura aparece claramente como uma necessidade universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (Candido, 1995, p. 176).

Desse modo, promover o ensino de literatura na escola é também conceder ao público estudantil uma educação comprometida com o desenvolvimento humano. Posto isto, abordamos a necessidade da inserção da literatura negra nas aulas de literatura como fator de urgência, dado que não é possível desenvolver educação integral, sem educar para o antirracismo, já que historicamente, o Brasil sustentou um espaço de silenciamento para as questões referentes ao povo negro, negando e negligenciando debates e problematização acerca desse tema. Sendo que a educação tem papel preponderante na construção de uma sociedade mais igualitária e justa, esta pode possibilitar o fim deste silenciamento através da visibilidade proporcionada por uma educação antirracista.

Nessa perspectiva, promover uma educação antirracista está entre as necessidades mais urgentes que o meio escolar deve colocar em pauta e em prática, sendo a literatura negra uma das possibilidades para atingir esse objetivo, já que o texto literário se constitui como uma ferramenta profícuo para a formação integral, visto que consegue mobilizar aspectos da configuração humana que são difíceis de serem mobilizados de outra forma.

A escola, enquanto espaço que reúne e reflete a diversidade étnico-racial do país precisa deixar de ser um lugar de manutenção do racismo estrutural. A Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008, inclui no currículo oficial da Educação Básica a obrigatoriedade do ensino de história da África e da Cultura afro-brasileira, reconhecendo a diversidade étnico-racial e valorizando a história e a cultura dos povos

negros. A Lei 11.645/2008 acrescenta a obrigatoriedade da história e da cultura dos povos indígenas. Somando-se a essa assertiva, temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Brasil, 2004), que orienta estudos e reflexões a respeito da cultura negra e o acesso à literatura negra, valorizando a herança e o patrimônio histórico-cultural afro-brasileiro. Esses documentos trazem o ideal de uma educação antirracista.

Por outro lado, a dificuldade de implementação da Lei 11.645 e das orientações das diretrizes nas escolas do país reforçam as ideias de Almeida (2019), ao assinalar o racismo estrutural e suas articulações ideológicas, políticas, econômicas, culturais e sociais dos negros no Brasil. Nesse contexto, surge a necessidade de uma educação antirracista como propulsora de mudanças nas atuais estruturas sociais.

Nesse sentido, o acesso à literatura negra nas escolas propicia debates sobre as relações étnico-raciais e o racismo, promove um diálogo intercultural, abrindo espaço para ouvir as vozes silenciadas e a valorização da cultura negra. A experiência com a literatura que traz as vivências dos negros, seus dramas existenciais, as dificuldades cotidianas, o preconceito que enfrentam, pode contribuir para a formação de leitores e mediadores antirracistas. Inserir a literatura negra nesses espaços formativos é oportunizar debates sobre relações étnico-raciais e quebrar o silenciamento do preconceito estruturado na sociedade, sendo uma forma de resistência à exclusão. Conforme defende Debus,

A linguagem literária e a sua capacidade humanizadora podem contribuir para a vivência, mesmo que ficcionalizada, de experiências que tragam à cena um fabulário positivo em relação aos africanos aqui escravizados e, por consequência, aos seus descendentes. Numa sociedade étnico plural como a brasileira, faz-se necessário, todos os dias, lembrar quem fomos para não esquecermos o que somos (Debus, 2012, p. 154).

A inserção da literatura negra nas escolas tornará possível o acesso a diferentes narrativas ficcionais que podem resgatar a história, a cultura e a potencialidade negra. Nesse sentido, promover espaços de discussões étnico-raciais é assegurar o compromisso com uma educação plural, além de promover momentos voltados para o combate ao racismo.

O ensino de literatura nas escolas ainda é incipiente, aparece como pretexto para o ensino de gramática e/ou conteúdo dentro da disciplina língua portuguesa, ensinando sobre as escolas literárias, autores, ou utilizando fragmentos de textos no lugar de dar ao texto literário o foco das aulas (Cosson, 2014). Esse comportamento não permite extrair da literatura todo o potencial que esta apresenta para a formação de um leitor que desenvolva o gosto por ler, que lê criticamente refletindo e dando sentido à leitura. Além do mais, a juventude anseia por falar de temas que muitas vezes são silenciados, assuntos que os jovens demonstram interesse, que pode ser notado pelos conteúdos que este público consome. Ao abordar sobre o ensino de literatura nas escolas, Rouxel assevera o seguinte ponto de vista sobre o texto literário entre os jovens:

É importante também propor obras das quais eles extrairão um ganho simultaneamente ético e estético, obras cujo conteúdo existencial deixe marcas. Durante muito tempo, enfatizamos o estudo formal em detrimento do conteúdo, o que explica, como denunciou Todorov (2007) e muitos outros sociólogos (Baudelot, Cartier & Detrez, 1999), a desafeição dos jovens pela leitura (Rouxel, 2013, p. 24).

Por esse viés, ao observarmos os jovens, notamos que seus gostos e assuntos se voltam para livros, animes, *mangás*, filmes, cujos conteúdos de modo geral falam sobre temas que ainda são tabus em muitos ambientes, tais como: violência, medo, drogas, morte, preconceito, dentre outros considerados fraturantes, mas que são capazes de marcar a experiência dos jovens com a leitura literária.

O vocábulo fraturante se refere a assuntos considerados sensíveis, que ao serem compartilhados podem causar rupturas, fraturas, quebra ou assuntos delicados, como os mencionados acima. Trabalhar com textos literários que envolvem esses temas oportuniza um encontro do leitor com situações e vivências que muitas vezes faz parte de seu cotiando, ou que está impregnada na sociedade a qual pertencem, dando assim voz a assuntos que são silenciados, as vezes pelo indivíduo, que não consegue compartilhar, outras pela sociedade, que resiste a tocar em certas temáticas, conforme explicam Gama-Khalil, Borges e Oliveira-Iguma ao enfocarem que,

Quando se escreve uma literatura que aborda temas que rompem com o que é permitido, possibilitando que crianças e jovens tenham acesso a diferentes problemáticas e assuntos que constituem a nossa existência, podemos compreendê-los como fraturantes, ou seja, fraturam e expõem aquilo que era proibido aos temas, ainda, considerados, por muitos, como tabus (Gama-Khalil; Borges; Oliveira-Iguma, 2022, pp. 9-10).

A leitura de literatura com temas fraturantes permite que crianças e jovens tenham acesso à diversas problemáticas e assuntos considerados polêmicos. A abertura para dialogar sobre esses assuntos podem contribuir para o encontro do leitor com experiências vivenciadas, proporcionando assim, a reflexão sobre si e a reinvenção de suas vidas.

A leitura literária traz consigo não só o prazer de apreciar a arte escrita, mas também possibilita que os sujeitos construam e reconstruam suas próprias existências. Pettit (2009) ressalta essa ideia ao afirmar as diversas peculiaridades inerentes à atividade de ler, pois de acordo com a autora:

A linguagem não pode ser reduzida a um instrumento, tem a ver com a construção de nós mesmo enquanto sujeitos falantes. [...] quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo. Enquanto o oposto, a dificuldade de simbolizar, pode vir acompanhado de uma agressividade incontrolada. Quando se é privado de palavras para pensar sobre si mesmo, para expressar sua angústia, sua raiva, suas esperanças, só resta o corpo para falar: seja o corpo que grita com todos seus sintomas, seja o enfrentamento violento de um corpo com o outro, a passagem para o ato (Pettit, 2009, p. 71).

Assim, fica evidente as contribuições que os textos literários que abordam em seu cerne a possibilidade de abertura para dialogar sobre diversos assuntos, trazem para as salas de aula, principalmente no Ensino Médio, local onde o público é predominantemente adolescente e vive uma fase de transição, na qual consolidar o futuro adulto como leitor é tarefa desafiante, mas necessária para uma educação de qualidade.

Nessa perspectiva, na busca por um ensino que tenha em seus objetivos o de desenvolver aulas de literatura que visam promover experiências de conexão entre texto e leitor, abandonando os métodos tradicionais que não colocam o texto literário em protagonismo na sala de aula, as proposições da estética da recepção podem contribuir de forma significativa, já que esta leva em conta a interação entre o texto e o leitor.

A experiência do leitor com o texto é única, pois a compreensão de uma obra literária é desenvolvida não somente pelo autor ou pelo texto em si, mas também por essa experiência única que cada leitor compartilha com o texto lido (Jauss, 1994). Assim, através de um processo dinâmico, o leitor traz para o texto suas experiências, contextos culturais e expectativas que influenciam diretamente a interpretação da obra, configurando a recepção literária como um processo ativo. O texto literário é cheio de lacunas que são preenchidas pelo leitor, conforme pontua Eco, “[...] todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça uma parte do trabalho” (Eco, 1994, p. 9).

Nesse sentido, ao se conectar com o texto literário recebendo ativamente a obra, o leitor constrói significados, ampliando seu horizonte de expectativas, conceito explorado por Jauss (1994), que se refere as concepções e expectativas que cada leitor tem e leva para a leitura ao se envolver com o texto.

Desse modo, a mediação do professor é fundamental para o incentivo e aproveitamento do texto literário em sala de aula, pois possibilita que os alunos experienciem o diálogo com a obra e o autor, façam inferências e construam sentidos com base no que foi lido. Entendemos mediação a partir dos pressupostos de Vygotsky, que a focaliza na ação humana, se dando através das relações sócio-históricas ou histórico-culturais, sendo demarcada pelo outro (Vygotsky, 2007). Nesse sentido, os sujeitos se constroem a partir das mediações que vivenciam, elaborando o conhecimento pela interação mediada nas relações que estabelece com os outros e com o mundo que os cerca.

Nesse processo de mediação, é imprescindível que o docente utilize uma metodologia adequada, que favoreça aproveitar o texto ao máximo. Uma das estratégias de leitura que é propensa à realização de atividades com o texto literário é a sequência básica, que integra quatro etapas: a motivação, prepara o aluno para entrar no texto; a introdução, apresentação do autor e da obra; a leitura, acompanhamento, direção, objetivo a cumprir e a interpretação, parte da decifração do texto, das inferências e construção de sentidos, um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade (Cosson, 2014).

Com base nesses pressupostos, o trabalho com o texto literário em sala de aula com foco na mediação da leitura, se configura como um dos meios de superação dos desafios encontrados na busca da formação de um leitor crítico e consciente, capaz de utilizar suas habilidades leitoras em plenitude, podendo conhecer, discutir e vivenciar através da ficção, temáticas reais que precisam ser vistas, compreendidas e modificadas, colaborando assim para possíveis mudanças em contextos sociais preestabelecidos.

3. De ponto em ponto até terminar a peça

Os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa são fatores determinantes para alcançarmos os objetivos propostos. Nesta, adotamos a abordagem qualitativa, que segundo Minayo, se refere a estudos que se ocupam de um conjunto de fenômenos humanos que fazem parte do universo social. A abordagem qualitativa busca explorar profundamente os significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes de dado contexto, expondo as complexidades das relações, fenômenos e processos não quantificáveis (Minayo, 1994). Para este estudo, utilizamos o diário de leitura como instrumento para a construção de dados. De acordo com Dolz, o diário de leitura é um elemento que pode ser usado pelo leitor para que este possa falar intimamente de sua experiência com o texto, expondo sua opinião, dizendo o que pensa e sente sobre o que está lendo (Dolz, 2018).

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual de ensino, localizada na cidade de Água Nova/RN, em uma turma de 3ª série do Ensino Médio. Os sujeitos colaboradores são os 21 discentes que integram essa turma, com idade entre 17 e 18 anos. Realizamos uma atividade de intervenção em sala de aula com o conto “Maria” de Conceição Evaristo (2016) com os 21 estudantes. Todos os colaboradores adotaram nomes fictícios para preservar a identidade. Elaboramos uma sessão de mediação de leitura baseada na sequência básica de Cosson (2014), que detalharemos em seguida. Após a atividade, todos os alunos escreveram suas experiências no diário de leitura.

A análise dos dados foi desenvolvida a partir da análise de conteúdo, com base no método de análise temática, desenvolvido por Bardin (2016). Conforme a autora:

Fazer uma análise temática, consiste em descobrir os <<núcleos de sentido>> que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo (*Sic*) analítico escolhido. [...] O tema é geralmente utilizado como unidade de registo para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências, etc. [...] (Bardin, 2016, pp. 105-106).

Nessa perspectiva, a análise temática permite identificar quais assuntos se destacam mais na apreciação dos leitores, revelando a interpretação, atribuições de sentido e opinião que os estudantes apresentaram ao se conectarem com o texto literário.

4. Passando a linha na agulha

O plano de intervenção consistiu em trabalhar com textos literários, que apresentavam temáticas fraturantes, utilizando a estratégia de leitura da sequência básica (Cosson, 2014). Dentre os textos trabalhados está o conto “Maria”, de autoria de Conceição Evaristo (2016). A mediação de leitura, foi realizada no decorrer de duas aulas de 50 minutos cada.

Para a realização da aula, elaboramos o planejamento da intervenção. No momento da motivação, o primeiro passo foi escrever na lousa o nome “Maria”, em letras maiúscula grandes e perguntar aos alunos: quem é “Maria”? Em seguida foi visto um mini vídeo com algumas imagens que apresentavam personagens e elementos que estavam contidos no conto a ser lido, além de ter como plano de fundo a música a carne, de Elza Soares. A proposta foi que os alunos criassem um roteiro de texto, com base no vídeo, assim, deveriam “adivinhar” como seria o texto lido, através da criação de um enredo a partir das imagens apresentadas no vídeo.

O momento da introdução, consistiu na apresentação da autora do conto, e de alguns conceitos relacionados com as particularidades da escrita da autora, como o termo *Escrevivência*. Após a introdução, passamos ao momento de leitura do texto e em seguida a interpretação, que se realizou com o diálogo sobre o texto lido e o registro dos alunos em um diário de leitura, que foi um dos instrumentos que compunham a coleta de dados da pesquisa do mestrado acadêmico em ensino. A seguir detalhamos a mediação realizada, que contou com o diário de campo para nossas anotações e com o diário de leitura produzido pelos alunos.

5. Primeiros pontos costurados

O conto “Maria” de Conceição Evaristo, narra a história de uma mulher negra que é acusada de ser cúmplice num assalto ao ônibus em que estava a caminho de casa, o pai de um de seus filhos é o assaltante e por não levar nada de Maria, os passageiros a acusam de fazer parte do assalto, linchando-a após os verdadeiros assaltantes irem embora do ônibus.

A escolha do conto se deu por objetivarmos trabalhar com histórias literárias que continham em sua essência temas fraturantes. Conforme já defendemos, o trabalho com esses textos possibilita uma aproximação com diversos assuntos que estão no repertório e interesse juvenil. Além do mais, se faz mister na contemporaneidade, que a abordagem de temáticas como o racismo, o feminicídio, especialmente envolvendo as mulheres negras, sejam trabalhados no sentido de criarmos consciência da gravidade e despertar para o combate a essas situações de violência e desigualdade que historicamente se confirmam em nosso país.

A obra de Conceição Evaristo se configura como uma importante ferramenta nessa luta. Ao desenvolver o conceito de *escrevivência*, através de sua escrita, a autora conta sobre as problemáticas e dramas vividos por pessoas negras. Segundo a autora:

Nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

Desse modo, a autora escreve sobre a vivência de muitas personagens que apesar de estar numa ficção, são personagens reais, que podem ser vistas todos os dias na sociedade em que vivemos. Isto traz no escopo de sua obra, toda uma problematização, que dá voz, que torna visível imagens que muitas vezes são negadas, incompreendidas, invisibilizadas. Assim, o conto “Maria” traz os temas fraturantes do racismo, do preconceito, violência contra a mulher, estando de acordo com nossos objetivos de abordagem de textos que apresentam essas características.

Nesse panorama, no momento da motivação, escrevemos no quadro a palavra “MARIA”, com letras maiúsculas grandes e perguntamos a turma: quem é “Maria”? Logo começaram a aparecer respostas: um aluno disse: “é minha mãe” outro, “é a mãe de Jesus”, uma aluna disse é “Maria da Penha”, outra: “sou eu mesma”. Anotamos no quadro as respostas e convidamos os alunos a assistirem ao vídeo e pensarem que história seria contada, a partir das imagens que iriam ver.

A primeira imagem apresentada trazia uma frase da música de Elza Soares, “A carne” que dizia: “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, em seguida aparecia a imagem de um pernil de porco e de uma sacola de frutas e verduras. Nesta os alunos disseram que a história seria sobre alguém que iria fazer uma feira.

A segunda imagem era de um ponto de ônibus, cheio de pessoas e o ônibus parado. Nesta, as sugestões de respostas foram de que alguém iria pegar um ônibus e logo definiram que seria a pessoa que iria comprar os alimentos. Na sequência, aparecia a figura de uma criança negra. As sugestões para esta foi de que a criança estava com fome, outros disseram que o menino da imagem era filho de uma mulher que iria comprar os alimentos.

Na imagem seguinte, uma mulher negra chorando, surgiram então várias sugestões para o roteiro que criavam: era mãe do menino que chorava porque este

morria, uns diziam que ele teria morrido atropelado pelo ônibus, outros que foi de fome, outros que tinha se perdido da mãe e alguns associaram que a mulher era a “Maria”.

Na imagem seguinte aparecia uma mão segurando um revólver. Disseram que o menino tinha sido morto por bala perdida, outros disseram que houve um assalto no ônibus e o menino estava lá e morria, a última imagem era a mesma do ponto de ônibus, com as pessoas e o ônibus parado. Os alunos criaram diversas possibilidades para o roteiro: concluíram que a mulher era a mãe do menino, que era uma empregada doméstica e iria fazer compras para a patroa, o menino iria com ela e tinha um assalto no ônibus no qual o garoto morria.

Outros disseram que o menino passava na frente do ônibus e morria atropelado, outro que o pai do menino aparecia e o ônibus o atropelava, outros que o menino ao descer do ônibus era atingido por uma bala perdida. Uma aluna observou: “estão dizendo tudo isso só porque a criança e a mulher são negras, se fosse uma criança branca, e uma mulher branca, a história seria outra”.

Ao término dessa parte da motivação, os estudantes estavam empolgados para saber se tinham adivinhado o roteiro da história a ser contada. Dando sequência à mediação começamos a introdução, revelando o título do conto que seria lido e apresentando a escritora Conceição Evaristo, falando um pouco sobre o conceito de *escrivência* abordado pela autora. Conforme já explicitamos, a escrita de autoras negras, tais como a de Evaristo, traz representatividade e visibilidade para temáticas que precisam estar nas pautas de discussões educativas, sendo de grande favorecimento à expansão da consciência sobre essas questões sociais.

Após a introdução, procedemos a leitura do conto, que foi realizada em voz alta, acompanhada da leitura silenciosa dos alunos, que haviam recebido uma cópia do texto. Ao término da leitura, chegou o momento da interpretação do texto. Nesse momento, voltamos a apontar para o nome “Maria” no quadro, e perguntar quem era “Maria”. A turma ficou um momento silenciosa, bastante comovida com o conto, alguns alunos com lágrimas nos olhos.

Alguns conseguiram falar e disseram que a história foi a mais triste contada em sala de aula. Disseram ainda que “Maria” era muitas mulheres, observando que o roteiro que eles criaram foi bem diferente da história do conto. Foi possível perceber o abalo que o conto causou, não houve muito diálogo na interpretação, o silêncio já dizia muito naquele momento. Então, respeitando a voz silenciosa da turma, convidamos os estudantes a fazerem seus registros no diário de leitura, o que foi atendido e a escrita destes diários revelaram as vozes que calaram na sala de aula, mas estavam explícitas nos semblantes e poucos relatos orais expressados no momento.

6. Provando a peça

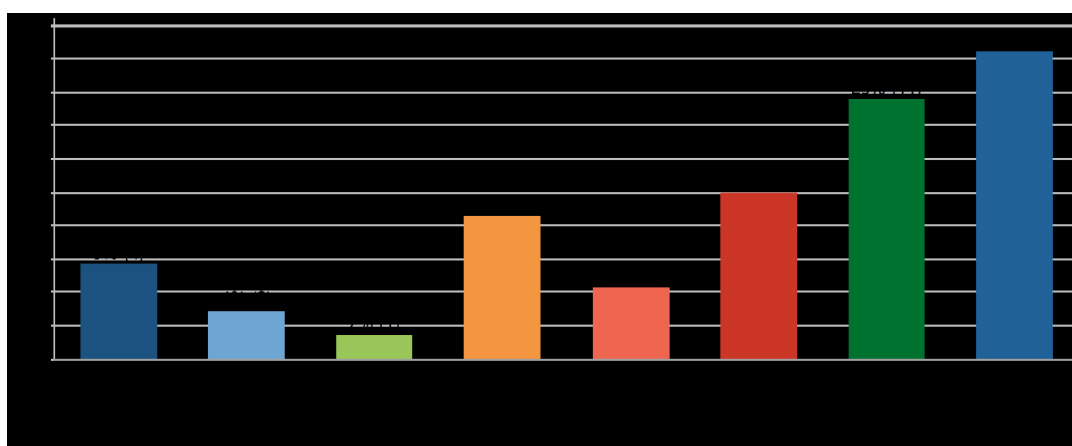
O conto “Maria”, sem dúvidas comoveu a turma, o silêncio após a leitura, os olhos rasos d’água e a expressão dos rostos reflexivos, registrados em nosso diário de campo, indicam o envolvimento que os estudantes tiveram com a leitura. Para a análise dos dados colhidos nos diários de leitura escritos pelos alunos, com os registros acerca do texto lido, realizamos uma análise de conteúdo, com base no método de Bardin (2016). Neste método após a leitura flutuante dos dados, identificamos temáticas que se repetem nos registros escritos, destacando unidades de registro e de contexto, que são os trechos em que se comprovam o aparecimento e repetição da temática.

Ao analisar cada temática, fica evidente a carga sentimental e reflexiva que a passagem do texto relatada em cada diário provoca nos leitores. Assim, nomeamos as

temática com o fator central registrado, esclarecendo que nem sempre vai estar explícito um termo fraturante nessa nomeação, como por exemplo, na temática “recado do pai”, ao lermos a nomeação não associamos a temas sensíveis diretamente, mas ao nos voltarmos para o contexto do conto e a partir dos registros, notamos que a fratura acontece ao se associar a voz do pai ausente, e ao valor que tem para um filho receber aquele recado, de carinho.

Esses aspectos se traduzem na escrita dos diários de leitura que revelaram 08 temáticas que acentuam a interpretação dos alunos, contemplando a relação do texto com a realidade do contexto social brasileiro, mas também refletindo como a literatura, pela sua forma de dizer as coisas, de contar uma história, faz o leitor entrar no enredo e sentir com e junto aos personagens os acontecimentos, que passam a ser também emoções, sentidos e experiências dos próprios leitores, o que os humaniza. (Candido, 1995). A figura 01 apresenta o percentual de presença que cada tema ocupa nos diários.

Figura 01 - Temas em destaque no conto “Maria”



Fonte: Elaborado pela autora com base nos diários de leitura (2023).

Trazemos o recorte de um quadro, contendo os destaques registrados nos 21 diários de leitura dos estudantes colaboradores da pesquisa. O quad. 01 revela as principais temáticas que os alunos citaram em seus registros, enfatizando a fala destes, na escrita dos diários de leitura.

Conforme anunciamos, fizemos a transcrição e análise de 21 diários de leitura escritos pelos discentes. Elegemos como categoria “o texto e o leitor literário”, explicitamos os assuntos encontrados nos registros dos alunos, definindo em unidades de registros, que diz respeito aos temas que mais foram citados nos diários e as unidades de contexto, que são as transcrições das falas onde aparece a citação da unidade de registro, que revelam a frequência com que as temáticas se apresentam, possibilitando assim a realização de uma análise temática, uma das técnicas, sugerida por Bardin (2016).

A unidade de registro relacionada ao tema racismo e preconceito obteve o maior número de citação ou frequência, 28% dos discentes destacaram questões relacionadas ao fato da cor de Maria ter influenciado na percepção e acusações que levaram ao linchamento e morte da personagem. Vejamos as transcrições dos diários de leitura dos colaboradores da pesquisa:

Quadro 01 – Tema: racismo e preconceito

O texto retratou um terço do terço, do que sofrem as pessoas negras no Brasil (mundo) [...]. Colaborador L.

[...] Resta a dúvida: se fosse uma mulher branca e arrumada, aconteceria o mesmo? [...].

Colaborador Neymar 10.

[...] foi vítima de racismo, foi linchada por apenas ser negra e não está bem vestida [...].

Colaborador Jake Peralta.

[...] Pessoas negras sofrem com isso todo tempo, milhares de pessoas negras são mortas todos os dias, vítimas do racismo.

Colaborador Jake Peralta.

[...] é o que acontece bastante que é o preconceito onde hoje foi contada a história de Maria, que é uma mulher negra que foi morta injustamente. [...].

Colaborador Caetano Velozo.

Um conto muito forte que causa diversas emoções, para mim como pessoa branca, me deixou muito triste o que Maria e seus filhos passaram, por isso pessoas brancas devem saber o quão sortudas são e com essas vantagens combater o racismo estrutural porque no fim todos somos seres humanos.

Colaborador Inverno.

Maria é a representação de tantas mulheres que vivem suas vidas inteiras vítimas do racismo e do preconceito no Brasil [...].

Colaborador Outono.

Maria sofreu a fome extrema, passou por racismo no ônibus que ia para casa levando comida para seus dois filhos que nunca tinha comido melão na vida.

Colaborador Abrão.

[...] Por causa de preconceito uma mãe de família perdeu a vida, é uma triste realidade [...].

Colaborador Park Jimmy.

[...] as pessoas do ônibus deduzem que ela faz parte do plano dos assaltantes e o motivo principal é porque ela é pobre e negra [...].

Colaborador Park Jimmy.

[...] Logo pelo racismo estrutural, matou uma mãe de família. Sinceramente não estou em meu lugar de fala, mas tenho noção que o racismo não está na minha pele, nem em minha vivência, mas está enraizado na história dos meus antepassados, no meu sangue.

Colaborador Luffy.

[...] aborda a discriminação com as pessoas negras e conta uma história triste de uma mulher que tinha três filhos, era mãe solteira e foi linchada no ônibus por conta da sua cor. [...].

Colaborador Caio X.

Maria que enfrenta desafios e discriminação devido a sua raça e gênero. O conto destaca as lutas e a resiliência de Maria em meio a um contexto de desigualdade racial e social, oferecendo o retrato das complexidades da vida das mulheres negras no Brasil. Respeito não tem cor, TEM consciência.

Colaboradora Chica.

Fonte: Diários de leitura dos colaboradores da pesquisa (2023).

Racismo e preconceito foi o tema mais citado, abrangendo 28% dos relatos, nesse destaque, os alunos relacionam os acontecimentos do texto com o racismo e preconceitos que acontecem na vida real, ativam seus conhecimentos prévios para interpretar e construir os sentidos do texto. Podemos notar o conceito de horizonte de expectativas (Jauss, 1994), sendo posto em prática. Neymar 10, questiona sobre a cor de Maria: “[...] Resta a dúvida: se fosse uma mulher branca e arrumada, aconteceria o mesmo?” (Colaborador Neymar 10).

A compreensão dos alunos revela também que eles conseguem associar fatores construídos historicamente, no caso em questão, o racismo estrutural, como propulsor de acontecimentos como o relatado no conto “Maria”, o que concretiza o pensamento de Evaristo (2020, p. 32) que destaca: “A maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens”.

Por esse viés, a construção da personagem a coloca nesse lugar e a partir da leitura do texto, os estudantes se conectam com o sentido real que a personagem, apesar de ser fictícia, traz. Isso confirma a teoria da estética da recepção, quando fala sobre a relação entre leitor e texto, na qual o leitor traz para a leitura toda a sua experiência, os contextos culturais e vivências que fazem parte da vida, construindo a partir disso tudo, os sentidos do texto (Jauss, 1994). O destaque da fala de Luffy ilustra esses fatos: “[...] Logo pelo racismo estrutural, matou uma mãe de família. Sinceramente não estou em meu lugar de fala, mas tenho noção que o racismo não está na minha pele, nem em minha vivência, mas está enraizado na história dos meus antepassados, no meu sangue.” (Colaborador Luffy).

Outro destaque na fala dos colaboradores, que confirmam a importância de trabalhar textos que tragam temas fraturantes para a sala de aula, diz respeito ao reconhecimento das diferenças que se apresentam entre pessoas negras e brancas, o que também reflete a conscientização do racismo estrutural existente em nossa sociedade, conforme explicita a fala do colaborador Inverno: “Um conto muito forte que causa diversas emoções, para mim como pessoa branca, me deixou muito triste o que Maria e seus filhos passaram, por isso pessoas brancas devem saber o quão sortudas são e com essas vantagens combater o racismo estrutural porque no fim todos somos seres humanos” (Colaborador Inverno).

Os demais relatos, confirmam o destaque que os estudantes deram à temática do racismo e preconceito, enfatizando as desigualdades sociais que acometem a sociedade brasileira, sendo os negros mais atingidos devido ao racismo estrutural que se enraizou pela construção de nossa história enquanto nação. O texto em questão é uma forma de denúncia que põe em evidência essas questões e fraturam pela leitura, possibilitando a reflexão sobre esses assuntos.

Vejam os a seguir o segundo tema mais destacado nos registros dos colaboradores, que foi a mulher negra.

Quadro 02 – Tema: mulher negra

Maria é uma mulher que representa outras mulheres, ela representa bem as mulheres negras. [...].

Colaboradora Dr^a Primavera Eevee.

[...] Maria não é só uma mulher, ela é a MULHER que representa todas as mulheres negras do Brasil e do mundo, por sua força, sua coragem e mesmo sendo pobre deve receber respeito como qualquer pessoa negra. [...].

Colaboradora Sammy Winchester.

[...] Maria representa muitas mulheres, principalmente mulheres negras. [...].
Colaborador Dean.

[...] quem é Maria? Maria representa todas as mulheres batalhadoras do mundo.
Colaborador Neymar 10.

Conta a história de uma mulher chamada Maria, negra e Pobre, Maria tinha três filhos. Uma Mulher trabalhadora, dava duro todos os dias para conseguir sobreviver [...].
Colaborador Jake Peralta.

[...] Infelizmente a história de Maria acontece com várias outras mulheres negras, que tem como seu objetivo apenas sustentar a sua família. [...].
Colaborador Park Jimmy.

Maria é mãe, Maria é mulher, Maria é mais uma das que saíram para trabalhar e não voltou para sua casa, para seus filhos. Maria é mulher apaixonada, Maria é mulher negra. [...].
Colaborador Clarke Griffin.

Maria é uma guerreira uma mãe que luta pelo sobrevivência de seus filhos eu acho Maria uma mulher foda, uma mulher que merece o máximo de respeito.
Colaborador Clarke Griffin.

O texto trata de uma mulher negra que juntava restos de comida para dar a seus filhos[...].
Colaborador .¹

[...] uma mulher negra que enfrenta miserável pobreza criando sozinha três filhos trabalhando de empregada doméstica para sustentá-los [...].
Colaboradora Isaiah Esperanza.

Maria era preta tinha três filhos era pobre e trabalhava para dar o sustento aos filhos. Ela trabalhava em casa de família e pegava os restos de comida para seus filhos [...].
Colaboradora Jurema.

Fonte: Diários de leitura dos colaboradores da pesquisa (2023).

Ao evidenciarem a temática mulher negra, os colaboradores reforçam que o racismo e preconceito é praticado contra o povo negro, mas especificam, que a mulher negra está situada numa zona de sofrimento e de lutas maiores para as pessoas que pertencem a essa parcela da população. No conto “Maria”, os leitores reconhecem que as lutas de mulheres negras fazem parte de um contexto que somente estas mulheres enfrentam. Isso indica que os alunos conseguem através da leitura diferenciar diversos contextos e situações sociais com criticidade, utilizando conhecimentos que possuem de outras áreas para interpretar o texto.

A fala de Park Jimmy constata uma dura realidade: “[...] Infelizmente a história de Maria acontece com várias outras mulheres negras, que tem como seu objetivo apenas sustentar a sua família. [...]” (Colaborador Park Jimmy). Já Clarke Griffin traz o viés das jornadas, duplas, triplas e as faces que as mulheres negras apresentam: “Maria é mãe, Maria é mulher, Maria é mais uma das que saíram para trabalhar e não voltou para sua casa, para seus filhos. Maria é mulher apaixonada, Maria é mulher negra. [...]” (Colaborador Clarke Griffin). Os trechos reafirmam a intenção da escrita de Evaristo

¹ O colaborador explicou que o seu pseudônimo é ponto final (.).

(2020), que se concretiza na interpretação dos alunos, pois a autora revela o seguinte em sua fala:

Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio [...]. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (Evaristo, 2020, p. 31).

Nessa configuração, o texto se apresenta também como uma força de representatividade da mulher negra, abarcando diversas possibilidades para a reflexão crítica dos desajustes sociais que estas vivenciam, revelando o tratamento e as dificuldades que são maiores para estas mulheres.

Ainda sob o impacto da ficção, os alunos destacam a identificação com a realidade social brasileira, conforme apresentado no quad. 03:

Quadro 03 – Tema: identificação com a realidade

O texto reflete a cruel realidade brasileira na medida em que relata sobre discriminação social a violência constante e pobreza da personagem Maria [...].
Colaboradora Isaiah Esperanza.

[...] Apesar da narrativa ser triturante, nos desperta para lamentável cenário do nosso país, casos como esse permanecem em uma "zona de invisibilidade", a sociedade fecha seus olhos e trata com ignorância esta problemática. [...].
Colaboradora Isaiah Esperanza.

[...] Conviver num mundo como esse é muito difícil, imagine as pessoas pretas?
[...]. Transcrição Colaborador L.

[...] Esse texto traz a dura e triste realidade do nosso mundo e em específico, nosso país [...].
Colaborador Jake Peralta.

[...] o Brasil, segundo dados, é um dos países mais racistas do mundo, [...].
Colaborador Outono.

[...] Mostra: o racismo, a marginalização do povo negro e pobre, a realidade de muitas mulheres negras, etc. [...].
Colaborador Park Jimmy.

Uma história que conta uma realidade humana, "desenvolvida" há muitos anos/séculos. A triste realidade do povo negro, mais a mãe solteira trabalhadora, [...].
Colaborador Luffy.

Fonte: Diários de leitura dos colaboradores da pesquisa(2023).

Nesse sentido os alunos identificam o contexto da narrativa que inclui nosso país, onde casos como o de Maria acontecem diariamente, questionam as diferenças de tratamento e dificuldades relativas às pessoas de cor preta e branca, trazem dados históricos para fortalecer suas argumentações e sentem empatia com as lutas de Maria. Mais uma vez a fala dos colaboradores revela que os temas fraturantes favorecem o diálogo com os jovens. Corroborra também com o pensamento de Petiti (2009), quando fala sobre a capacidade que o texto literário tem de ir além do prazer de ler, sendo a linguagem mais que um instrumento, tendo a ver com a própria construção do sujeito,

como um ser falante. Para ilustrar esses fatores trazemos a fala de Isaiah Esperanza: “Apesar da narrativa ser triturante, nos desperta para o lamentável cenário do nosso país, casos como esse permanecem em uma ‘zona de invisibilidade’, a sociedade fecha seus olhos e trata com ignorância esta problemática” (Colaborador Isaiah Esperanza).

Outro tema evidenciado pelos colaboradores diz respeito à um fator literário: a forma como a autora escreve emociona o leitor, fazendo-o se conectar intimamente com o texto, sentindo pelos acontecimentos do enredo a empatia e emoções que somente o fator literário é capaz de fazer em uma ficção. Vejamos os destaques do quad. 04:

Quadro 04 – temática Recado do pai

[...] Maria queria tanto dizer o recado que o pai tinha mandado. [...].
Colaborador . (Ponto final).

[...] O que mais impactou é que o homem falou assim: “um abraço, um beijo, um carinho no filho”. [...].
Colaboradora Dr^a Primavera Eevee.

[...] ainda me pergunto como deve ter ficado os filhos de Maria e como a vida e o universo podem ter sido injustos com ela, creio que ela deveria ter tido tempo de pelo menos falar para o filho de 11 anos o que o pai pediu. [...].
Colaboradora Dr^a Primavera Eevee.

[...] Maria só queria ir para casa para poder dar um abraço que o ex-marido mandou para seu filho,” um abraço, um beijo, um carinho”. [...].
Colaborador Sammy Winchester.

[...] ele fala com ela por cochicho ele fala que está com saudade dela e dos filhos dele e manda um beijo, um abraço, um carinho [...].
Colaborador Park Jimmy.

[...] Ela só queria levar o alimento para os filhos e levar um carinho do pai dele ao filho. [...].
Colaborador Park Jimmy.

Fonte: Diários de leitura dos colaboradores da pesquisa (2023).

Saindo dos aspectos críticos do texto ligados à realidade, os estudantes deixam transparecer o fator literário, ao se mostrarem consternados com uma frase do texto que foi marcante em 13% dos registros.

A frase: “um beijo, um abraço, um carinho no filho” tocou na alma literária dos jovens, a linguagem usada sensibiliza e demarca os destaques no quadro 04, o recado que o pai mandou para o filho e que não pode ser entregue pela mãe impactou a turma, conforme constatado na fala de Dr^a Primavera Eevee: “O que mais impactou é que o homem falou assim: “um abraço, um beijo, um carinho no filho” (Colaboradora Dr^a Primavera Eevee). O destaque vai ao encontro do pensamento de Candido (1995) ao reforçar o caráter humanizador que a literatura manifesta, ao se emocionarem e vivenciarem o drama da família de Maria, os leitores sentem pelos personagens, pela situação, sentimentos reais, apesar de ser um texto de ficção.

Além dos quatro temas destacados acima que foram os que se apresentaram com maior frequência na fala dos alunos, foi possível identificar ainda mais quatro temáticas citadas que chamaram a atenção pela intensidade com a qual os relatos marcaram a leitura estudantil.

Trazemos no quadro abaixo, os trechos que destacam os temas: tristeza, violência, identificação pessoal e comparação com outros textos lidos. Tais temáticas fortalecem os pressupostos teóricos abordados neste estudo, enfatizando a importância

do ensino de literatura para a formação integral, abrangendo além do aprimoramento da leitura e escrita, o desenvolvimento cognitivo, ampliando a visão de mundo, levando à reflexão crítica, além de suprir a necessidade de fabulação presente na vida humana.

Quadro 05 – Temáticas em destaque: tristeza, violência, identificação pessoal e comparação com outros textos lidos.

O texto reflete a cruel realidade brasileira na medida em que relata sobre discriminação social a violência constante e pobreza da personagem Maria [...].
Colaboradora Isaiah Esperanza.

[...] Apesar da narrativa ser triturante, nos desperta para lamentável cenário do nosso país, casos como esse permanecem em uma "zona de invisibilidade", a sociedade fecha seus olhos e trata com ignorância esta problemática. [...].
Colaboradora Isaiah Esperanza.

[...] Conviver num mundo como esse é muito difícil, imagine as pessoas pretas? [...].
Transcrição Colaborador L.

[...] Esse texto traz a dura e triste realidade do nosso mundo e em específico, nosso país[...].
Colaborador Jake Peralta.

[...] o Brasil, segundo dados, é um dos países mais racistas do mundo, [...].
Colaborador Outono.

[...] Mostra: o racismo, a marginalização do povo negro e pobre, a realidade de muitas mulheres negras, etc. [...].
Colaborador Park Jimmy.

Uma história que conta uma realidade humana, “desenvolvida” há muitos anos/séculos. A triste realidade do povo negro, mais a mãe solteira trabalhadora, [...].
Colaborador Luffy.

[...] todos os que embarcaram foram assaltados exceto ela, a partir desse momento ela é hostilizada e violentada o que ocasiona sua morte. [...].
Colaboradora Isaiah Esperanza.

[...] Maria, Mulher trabalhadora, com três filhos para cuidar, onde foi literalmente pisoteada por pessoas de mente pequena e coração ruim. A sociedade de hoje em dia está cada vez mais pior e sujo, o ser humano tem uma crueldade que se vai além, DOENTIA.
Colaborador L.

[...] A história fala sobre uma mulher pobre que após passar a noite no trabalho, se envolveu em um assalto e acabou sendo julgada como uma assaltante e foi linchada e morta. [...].
Colaborador Neymar 10.

[...] Lembrei de algo que mudou totalmente a minha vida desde o segundo ano, no caso em 2022. Eu já passei por coisa pior, mas também chegarem com um o tal de um jogo, chamado “discórdia” foi bem pesado porque do mesmo jeito que Maria foi chamada de puta eu também fui, não eu não posso me colocar no lugar dela porque sou branca, mas também me chamaram de puta e de oferecida. [...].
Colaboradora Dr^a Primavera Eevee.

[...] Eu por ser uma pessoa negra fiquei bastante sentido com a história de hoje, não lembro exatamente se já sofri racismo, mas já presenciei e senti no sangue o quanto é ruim e sofrido a vida do negro, cheguei a chorar pela cena que presenciei, então o que o negro sofre não deveria sofrer, porque ninguém merece ser tratado como é tratado.
Colaborador Caetano Velozo.

[...] Diferente da segunda mediação que teve, o cara foi embora mas se importando com o filho [...].
Colaboradora Dr^a Primavera Eevee.

Fonte: Diários de leitura dos colaboradores da pesquisa (2023).

Destas temáticas, ainda no universo do envolvimento com o texto literário, podemos constatar também a tristeza, que transpassando o texto chega aos leitores pela experiência da leitura. A comoção da turma pela história está registrada de forma explícita em 9% dos relatos. Jurema deixa estampado em seu registro: “Fiquei chocada, sem palavras para descrever minha tristeza” (Colaboradora Jurema).

A violência sofrida por Maria é registrada como algo que fratura o leitor e mais uma vez associa os acontecimentos à realidade vivida em nossa sociedade, enfocando o linchamento e morte de Maria como retrato dessa sociedade, segundo o relato de um dos participantes: “DOENTIA”, destacado em letras maiúsculas, denotando toda a ênfase que o leitor põe na escrita: “Maria, Mulher trabalhadora, com três filhos para cuidar, onde foi literalmente pisoteada por pessoas de mente pequena e coração ruim. A sociedade de hoje em dia está cada vez mais pior e sujo, o ser humano tem uma crueldade que se vai além, DOENTIA” (colaborador L).

Ressaltamos ainda o aspecto de identificação de experiências pessoais, que são despertadas através da leitura do texto, processos de identificação permitem que essas experiências sejam expressas e possivelmente ressignificadas, além da apreciação do texto literário deixar marcas, evidenciando um ganho ético e estético, sendo esse tipo de proposta de obra recomendado por Rouxel (2013).

Nesse contexto, Caetano Velozo registra um fato ocorrido que marcou sua vivência e que lembrou no momento da leitura: “Eu por ser uma pessoa negra fiquei bastante sentido com a história de hoje, não lembro exatamente se já sofri racismo, mas já presenciei e senti no sangue o quanto é ruim e sofrido a vida do negro, cheguei a chorar pela cena que presenciei, então o que o negro sofre não deveria sofrer, porque ninguém merece ser tratado como é tratado” (Colaborador Caetano Velozo).

Já Dr^a Primavera Eevee, relata algo que aconteceu e marcou sua vida, quando foi, igualmente Maria, chamada de puta, conforme pode ser constatado em sua fala: “[...] Lembrei de algo que mudou totalmente a minha vida desde o segundo ano, no caso em 2022. Eu já passei por coisa pior, mas também chegarem com um o tal de um jogo, chamado ‘discórdia’ foi bem pesado porque do mesmo jeito que Maria foi chamada de puta eu também fui, não eu não posso me colocar no lugar dela porque sou branca, mas também me chamaram de puta e de oferecida. [...]” (Colaboradora Dr^a Primavera Eevee). Mais uma vez, lembramos Jauss (1994) ao abordar o fato de que o leitor traz para a leitura, contextos e experiências pessoais, para a partir destas dar significados e sentidos ao texto lido.

Evidenciamos ainda, o fato de os leitores fazerem comparações com outros textos lidos, como comprovado no relato de Dr^a Primavera Eevee: “[...] Diferente da segunda mediação que teve, o cara foi embora, mas se importando com o filho [...]” (Colaboradora Dr^a Primavera Eevee). Essa relação entre leituras se apresenta também na teoria da recepção conforme pressupostos de Jauss (1994).

Perante os registros e análises dessa mediação de leitura, reafirmamos a compreensão de Vygotsky ao realçar que os seres humanos se constroem nas relações mediadas que vivenciam, construindo o conhecimento na interação com os outros e com o mundo em seu entorno (Vygotsky, 2007). Todos os destaques temáticos registrados reforçam essa compreensão, depreendendo, portanto, que a mediação proporcionou o encontro do leitor com o texto, provocando interações que colaboram com o processo educativo. Além do mais ressaltou as potencialidades que o conto “Maria” traz para um trabalho envolvente, que além de prender o leitor com seu enredo e despertar emoções que a literatura é capaz, também propicia a reflexão crítica e a conscientização de questões sociais pertinentes para a formação estudantil. Tudo isso, denota o impacto que o texto literário, quando é posto como protagonista na sala de aula produz no leitor

7. Finalizando a costura

As discussões suscitadas no presente trabalho apontam que a recepção do conto “Maria”, de Conceição Evaristo (2016), revelou nos estudantes da terceira série do Ensino Médio, participantes da mediação de leitura em questão, a potencialidade que a literatura traz de envolver, despertando a sensibilização e reflexão crítica acerca das problemáticas sociais. A mediação de leitura possibilitou a observação de que o texto literário não só conecta emocionalmente o leitor, como também o faz relacionar o que lê na narrativa ficcional com a realidade que se apresenta em contextos sociais.

Ao destacar o tema do racismo e preconceito, visto como o mais citado pelos alunos, a obra de Conceição Evaristo (2016), se mostra relevante para o levantamento de reflexões sobre a discriminação racial, as injustiças sociais e a representatividade de mulheres negras. A conscientização dos estudantes sobre as condições desiguais enfrentadas pelas pessoas negras, demonstradas através dos relatos acerca do texto, evidenciam a força do texto literário como instrumento capaz de combater e conscientizar sobre essas questões, no caso da obra em destaque, abre espaço também para o debate sobre racismo estrutural.

Além disso, a identificação com a personagem “Maria”, como representante das mulheres negras, fortalece o texto em foco como um mecanismo de promoção de representatividade e sensibilização dos leitores para com as lutas que essa parte da população enfrenta. Nesse sentido, a literatura se mostra fundamental na ampliação do entendimento das diversas nuances que a sociedade brasileira apresenta.

Outro ponto que merece destaque, é a capacidade da literatura ir além do entretenimento, a tristeza expressada pelos estudantes e as reflexões sobre a violência que assola o contexto social brasileiro, demonstraram a provocação de uma análise crítica sobre a realidade. Desse modo, a obra conecta a narrativa ficcional com o mundo real, fazendo os alunos irem além das palavras escritas.

Diante disso, o trabalho com o conto “Maria” apresenta potencial de grande contribuição para reflexões sobre temáticas socialmente relevantes, sendo um instrumento capaz de incentivar a formação de leitores críticos e conscientes. Assim, o trabalho aqui presente colabora para a compreensão do encontro entre a literatura, a educação e a formação social, impactando significativamente, quando se realiza um trabalho em que o texto literário é o protagonista da aula, abrindo espaço para a contextualização e sensibilização despertadas e observadas pela recepção dos estudantes.

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Selo Sueli Carneiro. Editora Jandaíra, 2020.

BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Parecer 03/2004, de 10 de março, do Conselho Pleno do CNE. Ministério da educação, Brasília.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 11.645*, de 10 de março de 2008.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A escravização africana na literatura infanto-juvenil: lendo dois títulos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 141-156, Jan/Abr, 2012.

DOLZ, Joaquim. O diário de leituras: um gênero reflexivo entre leitura crítica e escrita dinâmica reguladora. *In: KARLO-GOMES, Geam; BARRICELLI, Ermelinda (Orgs.). Diário de leituras na escola e na universidade: estudos do gênero e práxis pedagógica*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. *In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Maria. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilliân Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de. Apresentação. *In: GAMA-KHALIL, Marisa Martins; BORGES, Lilliân Alves; OLIVEIRA-IGUMA, Andréia de (Orgs.). Espiar pra dentro: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução: Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROUXUEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. Trad. Neide Luzia de Rezende. *In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOUVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução: José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz ao leitor. *In: AMARILHA, Marly (Org.). Educação e leitura: redes de sentidos*. Brasília: Liber Livro, 2010.